

ENSINO SUPERIOR/OPINIAO

SECTOR DE RECORTES DE IMPRENSA

UM «BARRIL DE PÓLVORA NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA»

• COSTA SANTOS texto VÍTOR RAMOS fotos

«ESTAMOS numa situação de ruptura perante o número de alunos que temos no Departamento, que, como se sabe, tem duas licenciaturas, a Electrónica e a Informática. Mesmo com um «número cúbico» de 130 alunos/ano, temos, nos cinco anos do curso, cerca de 600 alunos, trabalhando numa área disponível que é essencialmente a mesma que nos foi distribuída quando da abertura do Departamento, com a agravante, claro, de ano a ano o número de alunos ir aumentando» — palavras de dr. Traça de Almeida, presidente do Conselho do Departamento de Engenharia Electrotécnica da Universidade de Coimbra.

Naturalmente que chegam estas palavras do responsável máximo pelo departamento, para se poder equilibrar das dificuldades existentes para a produção

e ensino de umas quantas disciplinas que exigem equipamento, comodidade e segurança. Porém, outras coisas — talvez bem mais graves e preocupantes — existem naquela velha edificação que data do século XVII, antigo convento ocupado pela Faculdade de Ciências: solos podres, portas a cair, tetos abalados e um conjunto de «galerias» prefabricadas, montadas na década de 60 e que tinham, como prazo máximo de garantia de vida, dez anos. Porém, já lá vão mais de outros tantos e o provisorio «virou» definitivo...

O termo «ruptura» não foi empregado com sentido alarmista. Bastaria uma visita de olhos pelas instalações para se confirmar a existência de tal situação.

«Temos projectos de robótica, automação industrial e informática, de grande envergadura (mais de cem mil contos), mas todas estas

instalações aparecem como factores restritivos. Devo acrescentar que a Engenharia foi criada em 1972 e nunca foi instalada, enquanto as Universidades Novas, criadas depois, já estão instaladas.»

«É verdade que há um projecto — o chamado Pólo 2 da Universidade de Coimbra (localizado na Quinta da Boavista) —, mas a sua materialização tem sido prejudicada por razões que nos escapam. E, como disse, estamos instalados num antigo convento do século XVII, com todas as deficiências que se podem ver e limitações importantes ao tipo de trabalho que queremos e podemos desenvolver.»

«Para ser mais objectivo, dir-lhe-ia que quarenta por cento das aulas práticas não podem funcionar porque... não há salas. E, no resto, existe um ambiente onde os varandões, de ferro, estão pintados de branco cheio

de carunchos (para já não falar na «ergonomia» que representa, com um pé direito elevadíssimo); um laboratório de informática onde os alunos estão quase sentados uns ao lado dos outros, sem um centímetro mais para nada. Enfim, é o que vê...»

«Evidentemente que todas estas condições acabam por ser reflectidas, obviamente, tanto no aproveitamento dos alunos como na queda de entusiasmos que possam ter por este curso. Uma coisa é certa: se, de facto, em novas instalações — instaladas no tal Pólo 2 da Universidade — é que poderemos ter outras aspirações.»

Corredores estreitos e frios; gabinetes instalados num aproveitamento de espaço que dá, apenas, para colocar uma secretária e uma cadeira; fiação eléctrica «à antiga», à vista, numa «desordem» pouco

estética e, para além disso, perigosa. E os tais pavimentos — a que ouvimos chamar «casotas», nos claustros, com o relatório dos bombeiros a rotulá-los de «barril de pólvora»...

«Realmente assim é. A zona dos claustros está invadida pelas «casotas», onde, infelizmente, correndo riscos tremendo, se tem de dar aulas. Os bombeiros já fizeram um estudo e, nas suas conclusões, desaconselham em absoluto a utilização daquele espaço, pela simples razão de constituir, sem sombra de dúvida, um perigo potencial, iminente e contínuo, colocando em perigo a vida dos nossos discentes alunos que ali têm de permanecer. É fácil reparar que os tetos de madeira (tudo é prefabricado) estão abalados, já tivemos de escorar, com vigas, algumas partes desses tetos, mas os anos da vida a mais que esta madeira tem já não re-

sistem, até, a que o bicho entre nela.»

«É verdade que os bombeiros disseram — e não será difícil confirmar o rigor de tal afirmação — que, se algum dia houver um incêndio nas prefabricadas, não haverá a mínima hipótese de salvar seja o que for, com a agravante, ainda, de as portas serem de madeira e abrirem para dentro e... só existir uma saída!

Ah, todo o material é de fácil combustão, ressequido pelos anos. Porém, quando chove, também lhe direi que é quase impossível dar aulas nesse sítio. É que a água cai dentro das salas, como na rua!»

Atançar será o termo adequado para as obras que se vão realizando aqui e ali. As tábuas podres, que rangem à menor pisada, vão sendo substituídas por outras; só que a «doença» não é parcial, mas total.

Paradoxalmente, o Departamento de Engenharia Electrotécnica da Universidade de Coimbra, onde se ensinam e se investigam as mais avançadas disciplinas da moderna tecnologia, dispõe de instalações de tal forma antiquadas e atarrasadas que até os bombeiros as consideram um «barril de pólvora», de perigo iminente.

«E para onde iríamos, se metêssemos ombros a coisas novas? Se as fizessemos o departamento. Por isso, embora com a terrível noção de quem não pode pagar numa porta e acabar na outra, vamos remediando (alternando, se quiser) a situação — o que se torna humanamente impossível, é um facto — dar resposta às solicitações que nos surgem. Mas há que fazer tudo isto para não fecharmos as portas, apesar de reconhecer, já lhe ter dito e voltar a repetir, que a situação é de ruptura pura e simples.»

E quanto à investigação? Esta a interrogação que deixámos, como que num deslize ao dr. Traça de Almeida, conscientes de que, por força de tudo quanto se disse, essa investigação terá de ser limitada.

«Infelizmente, é assim mesmo. Apesar de tudo isso, ainda temos um robot

do mais avançado que há, um sistema de visão computacional, desenvolvido no departamento, uma máquina de electroerossão, para indústria de moldes, que também está a ser desenvolvida no departamento, e estamos numa construção celular flexível de montagem. Só que, como é fácil compreender, muitas outras coisas se poderiam fazer se não estivéssemos atados de pés e mãos, entre paredes velhas. Não custará dizer que parte destas instalações, para além da insegurança permanente que representam, estão desadequadas.»

Enfim, mais um alerta lançado e, também, a «declaração pública» de ruptura num departamento da Universidade de Coimbra onde uma tragédia de dimensões gigantescas poderá acontecer a todo o momento.

Alguém ouvirá este S.O.S.?

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

Equipamento - Instalações
Univ. Coimbra